

A CAMINHADA ENTRE MULHERES DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DO CUMBE (CEARÁ-BRASIL)¹

Ana Amélia Neri Oliveira,

Instituto de Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE)

Reigler Siqueira Pedroza

Universidade Estadual de Goiás (UEG)

RESUMO

Objetivamos compreender os sentidos e significados da caminhada na Comunidade Quilombola do Cumbe. O texto de orientação etnográfica foi referenciado pela sociologia do cotidiano. Utilizamos a observação participante e as conversas informais. Os sentidos e significados da caminhada aludem aos cuidados com a saúde sob a influência das ciências biomédicas. Estes se hibridizam com as tradições culturais do grupo social ao construírem novas formas de sociabilidades.

PALAVRAS-CHAVE: corporeidade; caminhada; comunidades tradicionais.

INTRODUÇÃO

Nas visitas à Comunidade Quilombola do Cumbe (Aracati-Ceará-Brasil) quando nos dirigíamos à sede da associação comunitária ou ao transitávamos pela rua, não raro nos deparávamos com mulheres vestidas de roupas de ginástica praticando caminhada. Ocorrência que nos causou certa curiosidade inicial, porquanto esta prática nos remetia às culturas urbanas. A curiosidade científica nos levou ao encontro de um grupo de mulheres que caminhava no pátio da igreja da comunidade em um final de tarde, como narramos a seguir.

Ao deixarmos a casa do Sr. J.C., observamos quatro mulheres que caminhavam em um trajeto cíclico no pátio da igreja. Neste momento, já era possível vermos o pôr-do-sol. Elas estavam vestidas com roupas de ginástica, usavam tênis e meia. A Sra. E.J. nos explicou que a caminhada é uma prática costumeira na comunidade nos períodos da manhã e tarde (Notas de campo, 11/01/2017).

¹ Recebemos aporte financeiro para a realização do trabalho junto: à Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Bolsas de Doutorado Fora do Estado - Edital 07/2015, processos DFE-0104-00019.01.00/16, DFE-0104-00019.01.00/17, DFE-0104-00019.01.00/18; e a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Edital N°. 19 de Doutorado Sanduíche no Exterior /2016, processo: PDSE 88881.133848/2016-01.

Havíamos nos deparado com uma prática corporal que a princípio considerávamos deslocada daquele *habitus* comunitário. Isso nos provocou à investigação ² a fim de compreendermos os sentidos e significados da caminhada para um grupo de mulheres da comunidade em questão. Este grupo social tem na pesca artesanal o *habitus* primordial de sua sobrevivência coletiva e que possui centralidade na vida comunitária (OLIVEIRA., 2018). Cabe destacarmos ainda, que o grupo conforma uma comunidade remanescente de quilombo. O texto contempla a caracterização da pesquisa, a construção argumentativa sobre a relação corporeidade *habitus* comunitário e a interpretação da caminhada a partir dos seus sentidos e significados expressos no contexto sociocultural.

METODOLOGIA

Investigamos um grupo de mulheres praticantes de caminhada, imerso em um grupo social mais amplo que produz e ressignifica a sua identidade negra-quilombola a partir dos modos de vida e organização comunitária. Tais determinantes balizaram a escolha do texto de orientação etnográfica para desenvolver uma descrição das situações de interação envolvendo essas mulheres. Já a sociologia da vida cotidiana nos instigou a atentar para os sentidos e significados das experiências de vida e do fazer cotidianos (PAIS, 2013), construídos a partir da caminhada. Por meio da observação participante³ apreendemos as situações de interações - atos, silêncios ou falas e comportamentos do grupo (GRANJA, 2017). Nas conversas informais⁴ o grupo cedeu espaços para perguntas inesperadas, com isso conseguimos capturar seus modos de sentir e pensar com mais leveza (FERREIRA, 2014). O grupo era composto por seis mulheres⁵, com idades entre 35 e 65 anos, moradoras da comunidade. Buscamos dar voz a elas por meio das suas experiências de vida na relação com a prática da caminhada.

CORPOREIDADE E *HABITUS* COMUNITÁRIO

A sociologia do corpo nos ensejou a notar que na construção da corporeidade três aspectos são basilares: a relação com o outro, os pertencimentos culturais e sociais na elaboração da relação com o corpo e a possibilidade de adaptabilidade do ser humano a outra

² Teve autodeclaração e certificação emitida pela Fundação Cultural Palmares em dezembro de 2014.

³ Foram produzidas notas de campo utilizadas ao longo do texto.

⁴ Foram gravadas com a autorização das nossas interlocutoras.

⁵ No texto identificamos uma das nossas interlocutoras como M.C.

sociedade. Reforçamos que a corporeidade não se resume a “uma fatalidade que o ator social deve assumir e cujas manifestações acontecem sem que ele nada possa fazer”. Por sua vez, o corpo é conformado pela educação recebida e pelas identificações que levam o ator social a absorver os comportamentos de seu grupo social. Embora a aprendizagem das modalidades corporais aconteça durante toda a vida segundo as modificações socioculturais impostas ao estilo de vida (LE BRETON, 2007, p. 65).

As práticas corporais são manifestações culturais (SILVA *et al.*, 2009) explícitas nos movimentos corporais que exteriorizam uma educação específica do corpo (GRANDO, 2006). Elas são ressignificadas e reinventadas pelo *habitus* do grupo social a partir das percepções, apropriações e novas experimentações (BOURDIEU, 1992). São mecanismos de resistência cultural (CHAUÍ, 1996) e de mudança cultural, posto que ao observarmos a inserção da caminhada como uma prática representativa da modernidade no meio rural.

Notamos a caminhada envolve um conjunto de movimentos expressivos, de modo que o grupo social, a partir de novos códigos culturais, passou a adotar uma conduta ritualizada, interpretadas como um ritual de interação (GOFFMAN, 2011). Ela retrata um modo de reivindicação do direito à saúde em um cenário de ausência do Estado. Os direitos são práticas, discursos e valores que afetam o modo como as desigualdades e diferenças são exibidas na cena pública, eles não se relacionam apenas às garantias formais inscritas nas leis e instituições, embora a ordem legal o aparato institucional atuem com asseguradores da cidadania (TELLES, 1999).

CAMINHADA: EXISTÊNCIA E RESISTÊNCIA

Ao chegar ao pátio da igreja, nos deparamos novamente com as mulheres caminhando em dupla ou trio, conforme a sua faixa etária de idade. Elas pareciam formar um grupo das senhoras com menos de 50 anos e outro das senhoras com 50 anos ou mais. Naquele momento, optamos por acompanhar duas senhoras que caminhavam com menor intensidade. (Notas de campo, 16/10/2017).

Chamamos à atenção para uma corporeidade que não se sujeita à fatalidade, posto que as mulheres são protagonistas na construção sociocultural dos seus corpos (LE BRETON, 2007), também estão atentas à dinâmica da vida comunitária e ao estilo de vida moderno. Perante o raciocínio, os corpos inicialmente educados para a mariscagem, a agricultura, o

artesanato e as práticas domésticas tiveram acesso a aprendizagem de novas práticas corporais. A caminhada traduz uma educação de corpo que transpõe os modos de vida tradicionais (LE BRETON, 2007; GRANDO, 2006). Na comunidade a caminhada foi apropriada e ressignifica, passando a compor o *habitus* comunitário (BOURDIEU, 1992), ao consideramos a apreensão de percepções e novas experimentações do grupo social. Vejamos o diálogo a seguir.

Depois de algum tempo, estávamos nós e uma das senhoras conversando sobre o que a levou a prática da caminhada. Ela nos contou que tinha 55 anos de idade e era uma marisqueira aposentada, que foi diagnosticada com hipertensão e diabetes, além de apresentar mobilidade reduzida. Em razão do quadro de doenças, o médico a orientou praticar caminhada todos os dias (Notas de campo, 16/10/2017).

A caminhada enquanto prática corporal (SILVA *et al.*, 2009) alude aos cuidados com a saúde: prevenção e cura de doenças. Determinante que reverbera no direito à saúde (BRASIL, 1998).

Nossa interlocutora disse ainda que, além das recomendações médicas, o estímulo das amigas foi essencial para começar a fazer caminhadas (Diário de campo, 16/10/2017).

Aquela mulher alta esteve tão doente. Se ela não começasse a caminhar, tinha ficado paraplégica. O médico disse a ela para fazer. Nós caminhamos mais devagar por causa dela. Todos os dias, eu passo e a levo. Se ela não tivesse ido caminhar, hoje ela estava paraplégica. Estaria o tempo todo dentro de casa. E antes ela só andava ruim, adoecida (M.C., 16/10/2017).

Sugerimos que o grupo reclama pelo direito à saúde que encontra suporte nas leis e instituições (TELLES, 1999), curiosamente em um cenário de ausência do Estado. Ou seja, o grupo resiste à invisibilidade social que nega a cidadania.

A caminhada estava chegando ao fim, interrogamos o grupo composto por seis mulheres sobre a possibilidade de nos reunirmos para uma conversa informal. Elas disseram que não teriam muito tempo para conversar, pois precisavam retornar para casa com brevidade. Por fim responderam o nosso questionamos quanto ao perfil das mulheres. Disseram que elas têm idade entre 35 e 65 anos e praticam caminhada por orientação médica. Contaram que caminham diariamente entre 30 e 60 minutos. Também que há mulheres que caminham nas dunas (Notas de campo, 16/10/17).

Faz cinco anos que eu pratico. Comecei após passar por uma cirurgia em 2012. Depois eu retornei ao médico, porque eu estava me sentindo muito doente e ele me disse que era para eu caminhar. Comecei a caminhar após 5

meses da cirurgia. O médico me recomendou caminhar todos os dias. E quando eu passava pelas casas, levava as outras. Elas começaram a caminhada na igreja por minha causa. Eu as chamava para irem comigo. Dizia: vamos fazer caminhada! E até as minhas irmãs que não iam no início, começaram. Minhas amigas também. Tem dia que se eu não for, não vai ninguém (M.C., 16/10/2017).

Mais uma vez a caminhada é vinculada aos cuidados com a saúde. Igualmente, diz respeito à produção de sociabilidades. A ressignificação do pátio da igreja como espaço social de produção do ritual contemporâneo (GOFFMAN, 2011) da caminhada e, paralelamente, a ressignificação das dunas como propósito similar por outro grupo, poderá representar um modo de resistência cultural (CHAUÍ, 1996), a julgar pelo histórico da comunidade no que toca à luta permanente pelo uso e ocupação do território do Cumbe (OLIVEIRA, 2018). Inclusive, fazemos menção a uma tradição reinventada (Hobsbawn, 1998), que acontece com a incorporação de uma nova prática corporal ao *habitus* comunitário.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os sentidos e significados da caminhada para o grupo de mulheres aludem aos cuidados com a saúde e à produção de sociabilidades em um cenário de ausência do Estado, invisibilidade social e negação da cidadania. Contudo, caminhada poderá transpor o propósito utilitarista biomédico e se constituir em um viver pelo corpo e para se unir a ele (LUDORF, 2021), uma resistência às práticas do cotidiano e um entregar-se ao caminho. O grupo apropriou de novas linguagens corporais que passaram a compor o *habitus comunitário*.

THE WALK AMONG WOMEN IN THE QUILOMBOLA COMMUNITY OF CUMBE (CEARÁ-BRAZIL)

ABSTRACT

The work aimed to understand the senses and meanings of the walk in the Cumbe Quilombola Community. The text with an ethnographic orientation was referenced by the sociology of everyday life. We use participant observation and informal conversations. The senses and meanings of the walk allude to health care under the influence of biomedical sciences. These hybridize with the cultural traditions of the social group to build new forms of sociability.

KEYWORDS: corporeality; walking; traditional communities.

EL PASEO ENTRE MUJERES EN LA COMUNIDAD QUILOMBOLA DE CUMBE (CEARÁ-BRASIL)

RESUMEN

Nuestro objetivo es entender los sentidos y significados de la caminata en la Comunidad Cumbe Quilombola. El texto con orientación etnográfica fue referenciado por la sociología de la vida cotidiana. Usamos observación participante y conversaciones informales. Los sentidos y significados de la caminata aluden al cuidado de la salud bajo la influencia de las ciencias biomédicas. Estos se hibridan con las tradiciones culturales del grupo social para construir nuevas formas de sociabilidad.

PALABRAS CLAVES: corporeidad; para caminar; comunidades tradicionales.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Constituição Federal**. Brasília: Câmara dos Deputados, 1988.

BOURDIEU, Pierre. *avec* Löic J.D. Wacquant - *Réponses. Pour une anthropologie réflexive*. Paris: Seuil, 1992.

CHAUÍ, M. **Conformismo e resistência**: aspectos da cultura popular no Brasil. 6ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1996.

FERREIRA, V. S. Artes e manhas da entrevista compreensiva. *In: Saúde e Soc.* São Paulo. V. 23, n. 3, p.979-992, 2014.

GRANJA, P. *O detalhe, a exceção e a regra: fazer estudos de caso etnográficos. In: Metodologias de Investigação em Ciências Sociais: experiências de investigação em contextos moçambicanos.* João Feijó [Coordenação]. Escola, Editora, Editores e Livrários Ltda. p. 147-177, 2007.

GOFFMAN, E. **Ritual de interação**: ensaios sobre o comportamento face a face. Tradução Fábio Rodrigues Ribeiro da Silva. Petrópolis: Vozes, 2011.

HOBBSAWN, E. **Sobre história**. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

LE BRETON, D. **Sociologia do corpo**. 3ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

LUDORF, S. M. A. **A caminhada como prática de resistência**: uma análise a partir a visão sociológica de David Le Breton. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 23, n. 56, jan-abr 2021, p. 368-394.

OLIVEIRA. A. A. N. (2018). *Entre o Rio e o Mar: Práticas Corporais e Cotidiano na Comunidade Quilombola do Cumbe*. Tese de Doutorado, UnB, Brasília, Brasil.



CONBRACE
CONICE 2021
DE 12/09 A 17/12

Educação Física e
Ciências do Esporte
no tempo presente:

Defender Vidas,
Afirmar as Ciências

PAIS, J. M. **Vida Cotidiana:** Enigmas e revelações. São Paulo: Cortez, 2003.

SILVA, A. M. *et al.* Corpo e experiência: para pensar as práticas corporais. *In:* FALCÃO, J. L. C.; SARAIVA, M. do C. (Orgs.). **Práticas corporais no contexto contemporâneo:** (in)tensas experiências. Florianópolis: Copiart, 2009.

TELLES, V. **Direitos sociais:** afinal do que se trata? Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

